

Criação de um Parque Nacional na Ilha da Trindade e Arquipélago Martim Vaz *

BERTHA LUTZ
Do Museu Nacional

1. A ilha da Trindade, situada a 20° 30' sul e 29° 19' W. Gr., é uma ilha oceânica que não está ligada à plataforma continental. De origem vulcânica, ergue-se, feito uma coluna, de uma profundidade de 4 000 a 5 000 m e a uma distância de 600 milhas náuticas da costa do Brasil. Trinta milhas a leste da ilha surgem as três ilhotas do arquipélago Martim Vaz, que fica na mesma latitude e 28° 51' a W. Gr. Parecem não pertencer à mesma plataforma, pois foram encontradas profundidades de alguns milhares de metros em sondagens entre a ilha e o arquipélago. A ilha da Trindade é pequena, atingindo entre 5 e 6 km, de NW a SE e aproximadamente, metade de NE a SW. Segundo ASSIS RIBEIRO (1950), a superfície é de 9,5 km². Segundo o cartógrafo J. C. P. GRANDE (1950), possui mais ou menos a metade da área da ilha do Governador. O arquipélago é bem menor. Segundo o Dr. R. BARTH (1957-58), o aspecto da ilha é o de uma formação recente, com relêvo muito movimentado, constituído de picos alcantilados, como o Desejado, que atinge 600 m, costas íngremes, vales profundos, semeados de rochas desagregadas e rampas abruptas, resultantes da decomposição de paredões. Alguns dos visitantes trazem a impressão de desagregação da ilha, mas não possuo dados para afirmar se esta opinião é exata ou subjetiva.

2. Reina alguma incerteza sobre o descobridor da ilha, feito este atribuído a dois ou três nomes diversos, dentro do ciclo de navegadores lusitanos que floresceram na época da grande expansão marítima de Portugal. Por não possuir dados esclarecedores do assunto, abstenho-me de entrar também neste aspecto da questão.

3. Colocada na rota de diversas viagens de descoberta foi a Trindade estudada várias vezes, no correr dos últimos séculos, por expedições científicas, desembarcando umas, sendo rechaçadas outras, quando, mercê do acaso, ali se achava alguma guarnição portuguesa. Entre as mais célebres aludirei apenas à do astrônomo EDMUNDO HALLEY (1700) e à do capitão Cook (maio de 1775), ambos célebres nos faustos da ciência britânica. Ali também aportaram botânicos ingleses de renome, como sir JOSEPH HOOKER, em 1817, e muito mais tarde, o astrônomo COPELAND. Também, por ali transitaram DUPERREY, LA PÉROUSE, DUMONT D'URVILLE e outros naturalistas. Mais recentemente, ali esteve o grande ornitólogo do Museu Americano e meu caro amigo, Dr. ROBERT CUSHMAN MURPHY, que vinha da Geórgia do Sul e não conseguiu desembarcar (1913). Uma expedição do Museu de História Natural de Cleveland desembarcou em Martim Vaz, e permaneceu várias semanas na Trindade, vivendo em grutas. Infelizmente, não encontrei as publicações a respeito (1927). Expedições brasileiras houve várias, começando com as dos tempos coloniais enviadas pelo vice-rei para expulsar intrusos. Entre as modernas, citarei apenas a do comandante CANTUÁRIA GUIMARÃES, que corrigiu as coordenadas e a distância, das quais participou o Museu Nacional (1916 e 1950) e a expedição da Marinha, na ocasião do Ano Geofísico Internacional (1957-1958), que resultou em belos

* O presente trabalho é o parecer apresentado ao Conselho Florestal Federal em outubro de 1961, pela doutora BERTHA LUTZ, representante do Museu Nacional, sobre a criação de um parque nacional na ilha da Trindade e arquipélago Martim Vaz, provocado por uma proposta do ecologista HENRIQUE PIMENTA VELOSO.

trabalhos de autoria do comandante PAULO MOREIRA DA SILVA e do Dr. RUDOLPH BARTH, do Instituto Osvaldo Cruz, sobre meteorologia e clima.

Os naturalistas do Museu Nacional que compuseram a equipe de sete membros que esteve na ilha da Trindade em 1950, redigiram um relatório interessantíssimo, infelizmente inédito até o momento atual. Nêle salientam-se os trabalhos dos Drs. LUÍS EMÍDIO DE MELO FILHO sobre a flora, FERNANDO SEGADAS VIANA, sobre a ecologia e biogeografia vegetais e JOSÉ LACERDA DE ARAÚJO FEIO, sobre a biogeografia e ecologia animais.

4. Do ponto de vista geológico, o aspecto mais interessante da ilha e talvez também do arquipélago, muito menos conhecido e explorado, é a demonstração dos efeitos do vulcanismo que ali se acham expostos às vistas de quem se saiba interpretar.

5. Quanto à flora, pode-se dizer que é constituída por vários grupos de plantas, as endêmicas, que não ocorrem em outros lugares, às que são comuns a várias ilhas, geralmente Fernando de Noronha, Ascensão e Santa Helena, as cosmopolitas das praias intertropicais do mundo inteiro e as ruderais, isto é, plantas dos caminhos, introduzidas pelo homem. O grande feto arbórescente, *Cyathea copelandii*, assinalado por COPELAND no seu magistral trabalho, e que desperta a atenção de todos os botânicos que visitam Trindade, pode servir de exemplo, das endêmicas. Ocupa as encostas a barlavento, faltando no leste árido. Entre as espécies ubiqüitárias das praias nomearei apenas *Canavalia obtusifolia* e *Ipomoea pes-caprae*. As plantas ruderais são várias, incluindo *Argemone mexicana*, *Pisonia obtusata* etc. A mais daninha parece ser uma pequena *Waltheria* que se vai alastrando. O aspecto botânico da ilha que mais impressiona os visitantes hodiernos é a presença de bosques inteiros de árvores mortas que foram vistas vivas pelos exploradores mais antigos do século dezoito. O seu fim é atribuído por uns a emanações vulcânicas sulfurosas, por outros a uma grande tempestade, que se abateu sobre a ilha, há mais de um século. Também são indigitadas as cabras que roem o córtex das árvores, impedindo a circulação da seiva.

Esta é a teoria preconizada por COPELAND que diz ser a doutrina aceita na ilha de Santa Helena, onde também existem grandes bosques mortos. Segundo informa MURPHY (1936), o capitão MURAY comandante da Marinha Mercante inglesa e romancista, já viu mortas as leguminosas arbóreas de Trindade em 1829, mas ainda estavam de pé, como espectros. COPELAND subiu sozinho o pico a 21 de agosto de 1874. Nessa ocasião, as árvores ainda muito numerosas, jaziam por terra, em toda parte. As aves oceânicas nelas pousavam, depositando também os seus ovos nas forquilhas, capazes de ampará-los. COPELAND descreve a vista belíssima dos fetos arbórescentes que revestiam todo o vale oeste principal por onde se precipita a grande cachoeira. Sendo de tamanho quase igual, e cada uma delas guarnecida de oito fôlhas enormes, davam a impressão de um grande tapete verde. Esse é o feto arbóreo, endêmico, ainda não totalmente extinto, ao qual foi merecidamente dado o nome de *Cyathea copelandii*. Embora astrônomo de profissão, era êle bom herborizador colheu várias outras plantas, entre as quais, mais três fetos, *Polypodium lepidopteris*, abundante no Brasil continental, *Asplenium praemorsum*, comum nas regiões subtropicais de ambos os hemisférios e *Asplenium compressum*, conhecido apenas de Santa Helena. Teve mais sorte que HOOKER que desembarcou a 17 de dezembro de 1839, em praia isolada por paredão rochoso, de modo que colheu apenas uma ciperácea e um feto.

No relatório de 1950, o naturalista do Museu Nacional, Dr. LUÍS EMÍDIO faz um apanhado sobre as coletas botânicas anteriores. A sua foi a maior de todas elas, perfazendo 71 espécies, das quais, 59 foram herborizadas. Assinala a ausência de uma das pteridófitas endêmicas, *Asplenium compressum*, o que representa um empobrecimento da flora. Mostra que a *Canavalia obtusifolia*,

planta rasteira de praia, tão alastrada pela ilha, que, no tempo da visita de COPELAND, chegavam a embaraçar os passos, está agora reduzida a algumas mudas jovens. É um testemunho eloqüente, pois trata-se de planta muito robusta. Corrige algumas determinações e faz o confronto das 16 espécies colhidas para o Museu em 1916, das 26 do naturalista CAMPOS PÔRTO (1917) e das atuais, dedicando algumas linhas a cada espécie.

O relatório do Dr. SEGADAS VIANA representa o início das pesquisas ecológicas botânicas insulares. Estuda a flora por andares, segundo a altitude, da praia aos picos. Esboça um quadro da vegetação atual, deixando vislumbrar o que teria sido anteriormente à introdução dos pobres animais domésticos ali abandonados. Indigitados por todos os biólogos que visitam a ilha, como predadores, que de fato são, esquecem os meus colegas que foram forçados a enredar por novas vias para buscar a sobrevivência, sendo eles, portanto, além de predadores, também vítimas.

6. A fauna também foi estudada por vários expedicionários e especialistas. Os mamíferos existentes na ilha foram todos introduzidos, tratando-se de animais domésticos, de cuja entrada, o único culpado é o tão falho, irrefletido e presunçoso *Homo sapiens*. As espécies introduzidas são a cabra, *Capra hircus*, o carneiro, *Ovis aries*, o porco, *Sus scrofa domestica* e o gato, *Felis chreata domestica*, de acordo com a nomenclatura usada por BARTH. Também foi introduzido, involuntariamente, o camundongo, *Mus musculus*. Todos eles contribuíram com a sua quota aos estragos, sendo a cabra e o porco os maiores pecadores. Dizem que o porco se está tornando selvagem. Os gatos, coitados, foram obrigados a se adaptarem a uma dieta de organismos que vêm ter às praias. Os camundongos talvez tenham sido exterminados por eles, já que não há notícias recentes a seu respeito, ao passo que os últimos visitantes se queixam de outra praga doméstica, as duas baratas cosmopolitas, *Blatta germanica* e *Periplaneta australasiae*.

A expedição do Museu Americano assinala a presença de 16 aves diversas, levantamento esse fidedigno, já que foi feito pelo Dr. CUSHMAN MURPHY, a maior autoridade viva sobre as aves oceânicas deste hemisfério. Já a primeira expedição do Museu Nacional (1916), encontrou apenas nove, estudadas, citadas 2, uma delas descrita por MIRANDA RIBEIRO, em trabalho sobre os vertebrados da ilha da Trindade (1919). Segundo o Dr. HELMUTH SICK, atual ornitólogo do Museu Nacional, entre elas sobressaem duas aves residentes, o fura-bucho, *Pterodroma arminjoana*, endêmica apenas na ilha da Trindade e o trinta-réis, *Cygis alba alba*, distribuído por Fernando de Noronha, Trindade, Martim Vaz, Ascensão e Santa Helena, sendo as colônias da Trindade as maiores conhecidas dessa bela espécie. Entre as migratórias, salienta-se o alcatraz, *Fregata ariel trinitatis* MIR. RIBEIRO até agora endêmica apenas na ilha e no arquipélago Martim Vaz.

O relato do Dr. FERNANDO NOVAIS sobre os vertebrados insulares vistos em 1950, assinala apenas sete aves ao todo e só duas das três mais interessantes apontadas por SICK como merecedoras de cuidados especiais. Dá informes interessantes sobre os costumes e a nidificação de *Pterodroma arminjoana* e de *Cygis alba alba*, mas declara que não foi vista *Fregata ariel trinitatis*. Se estiver de veras extinta em Trindade e não for encontrada em Martim Vaz, será uma perda irreparável para a biologia, passando a crescer mais este nome e o rol das espécies extintas por negligência do homem.

O único réptil de Trindade é a grande tartaruga marinha, *Chelonia midas*, que nos meses de abril e maio ali aporta para desovar. O Dr. BARTH contou recentemente 700 posturas e as avalia em 1 500, dando a cifra de 150-200 ovos para cada ninho. O Museu Nacional possui, entretanto, um exemplar fêmea, oferecido pelo comandante CANTUÁRIA GUIMARÃES, o qual, na ocasião da sua morte, continha 800 ovos. É possível que não amadureçam todos ao mesmo tempo, ou

que a fêmea os distribua em mais de uma cova. Não obstante, acha-se a *Che- lonia midas* grandemente ameaçada de extinção na ilha, em parte, devido aos porcos, que desenterram os ovos, e decapitam os filhotes, os quais, mal nascidos, se dirigem desesperadamente para o mar. Infelizmente ali os aguardam as vorazes garoupas, *Cerna adscencionis*. É quase um milagre escaparem alguns com vida e conservarem-se bastante tempo para reproduzir a espécie, pertencente a um grupo animal venerável pela sua antiguidade.

Nas ilhas oceânicas, não ocorrem anfíbios, motivo pelo qual, nenhum conselheiro poderia ter sido tão mal escolhido como a atual relatora, cuja especialidade é precisamente constituída por êsses seres que operam a transição dos tetrápodes da vida aquática para a vida terrestre.

MIRANDA RIBEIRO (1919) fornece notas sumamente interessantes sôbre os peixes, todos êles marinhos, da ilha da Trindade, mormente sôbre os hábitos das moréias, observadas pelos preparadores do Museu que ali estacionaram e também por serem formas primitivas, na escala da evolução. Descreveu três peixes novos, *Muraena trinitatis*, *Xiphosus palpebrosus* e *Ophioblennius trinitatis*. Ao relatório do Museu Nacional de 1950 faltam os dados sôbre os peixes marinhos que perfazem uma das matérias mais atraentes do trabalho de MIRANDA RIBEIRO sôbre a expedição de 1916.

Não posso entrar no estudo pormenorizado dos invertebrados, que ficam muito afastados dos grupos conhecidos por mim e que interessam principalmente aos especialistas de cada classe ou ordem. Tratarei apenas dos caranguejos que exemplificam o processo de empobrecimento da fauna a que a ilha vem sendo submetida. O Dr. BRUNO LÔBO, que dirigiu a primeira expedição do Museu Nacional (1919), assinala a extrema abundância, em 1916, de duas espécie de caranguejos, *Goniopsis cruentatus* e *Gecarcinus lagostoma*. Eram muito perigosos para os filhotes das tartarugas e causavam danos também às criaturas humanas temporariamente residentes na ilha. Contou-nos que, certo dia, chegou a tempo de ver o seu relógio de ouro, ir desaparecendo toca adentro, na pinça mestre de um *Gecarcinoma*. Esta espécie é a mais daninha rarrégava tudo que encontrava. O auzor também conta que quando as aves querem comer caranguejos, agarram-nos pela própria pinça e os deixam cair de certa altura para matá-los. Na ocasião da visita de COPELAND, quarenta anos antes, os caranguejos não estavam restritos às praias, mas ocupavam a ilha tôda, até os cumes. Mas mesmo êsses robustos predadores foram sumindo, mercê dos porcos e outros animais domésticos introduzidos. Os membros da segunda expedição do Museu Nacional (1950) os consideraram raros. Esta redução numérica drástica ocorreu em algumas décadas. O Sr. FEIO, autor do relatório de 1950 sôbre a biogeografia, ecologia e as populações animais insulares, segue as mesmas linhas gerais por altitudes utilizadas pelo seu colega botânico. Dentro de uma moldura talvez um pouco mais teórica, projeta luz sôbre a situação vigente. Assim atribui a redução apenas ou a extinção dos caranguejos aos porcos e a dos camundongos aos gatos, embora dêsses talvez sobrevivam ainda alguns. Chama a atenção para a perturbação dos hábitos dos animais domésticos pela presença do homem. Projeta luz sôbre problemas gerais e métodos, tornando evidente o interêsse em preservar a ilha para fins biológicos e de fazê-la voltar a seu aspecto pristino.

Mas não quero alongar-me na repassagem de informes alheios sôbre a geologia, a fauna e a flora da ilha da Trindade, que poderão ser estudadas, com maior proveito, na bibliografia anexa.

Passemos, pois, ao objetivo principal, o de relatar a proposta do meu ilustre amigo, Dr. HENRIQUE PIMENTA VELOSO, de que seja criado um parque nacional na ilha da Trindade, abrangendo igualmente o arquipélago Martim Vaz.

De tudo o que vai dito acima verifica-se que:

1.º — A ilha é pequena, distante, muito pouco acessível, de desembarque arriscado e de superfície que não se presta ao preparo de um campo de pouso para aviões de raio suficiente para atingi-la, sendo também proibitivo o custo das viagens.

2.º — O estado atual da ilha está profundamente perturbado, devido à introdução, inconsciente e temerária, de levas sucessivas, de animais domésticos, miseravelmente abandonados e obrigados a se transformarem em predadores para poderem subsistir, assim como pela introdução de plantas ruderais, capazes de eliminar a flora nativa, disputando-lhe, com êxito, o parco espaço vital.

O professor LUTZ costumava citar a frase romana: “Quieta non movere!” como princípio básico da conservação. De fato, êsse lema, que poderá ser assim traduzido: “Deixai as coisas quietas em paz” deveria servir de diretriz de tôda e qualquer obra de salvação do patrimônio natural.

Dentro dêsse princípio, a providência mais urgente e a mais indispensável é restituir a ilha da Trindade, tanto quanto possível, ao seu estado primitivo e de conservar o arquipélago tal qual está. Para isso, seria necessário retirar todos os animais domésticos introduzidos que ainda se encontrem lá. Digo, propositadamente, retirá-los, porque não devem ser mortos, mas sim entregues ao estudo de geneticistas e biólogos, para aquilatar as modificações etológicas e quiçá as modificações morfológicas incipientes que apresentarem. Como corolário, torna-se necessário evitar novas introduções.

O mesmo critério deveria ser aplicado às plantas, arrancando as invasoras e destruindo as culturas.

Depois disto, o melhor alvitre seria abandonar tôda a parte da ilha que não fôr indispensável à defesa a si mesma durante muitos anos. Deveriam ser reduzidas ao mínimo as guarnições ali existentes, fornecidos mantimentos adequados aos homens, e proibido tanto o plantio de legumes e frutas fora dos cerrados das habitações, quanto a pesca e a caça aos animais pertencentes à fauna natural.

Terminando, opino no sentido de sugerir ao Conselho Florestal, através do seu presidente, entre em acôrdo com os órgãos competentes do Ministério da Marinha e do govêrno federal a fim de obter que:

1.º — Tôda a parte da ilha que não fôr necessária a fins de defesa da soberania passe a ser decretada: “Parque Refúgio Nacional”.

2.º — Terá como finalidade,

a) proporcionar um refúgio à fauna, isto é, às aves oceânicas, à grande tartaruga *Chelonia midas*, aos peixes e outros animais endêmicos ou nativos, tanto os que ali vivem, quanto os que procuram a ilha para procriar.

b) salvaguardar a flora endêmica, mormente os grandes fetos arborescentes, *Cyathea copelandii*, e outras plantas que só existem lá, ou em algumas outras ilhas oceânicas similares.

3.º — A fim de cumprir essa finalidade deverão ser removidos, de preferência vivos, da ilha, os animais domésticos introduzidos, notadamente os porcos, cabras e carneiros, sendo entregues ao estudo de geneticistas e biólogos para apreciarem as modificações etológicas e outras que apresentarem.

Também serão extirpadas tôdas as plantas introduzidas, mormente as ruderais.

4.º — Às guarnições ali fixadas será interdita a caça dos animais autóctones e a plantação de legumes e fruteiras fora de cercados, sendo-lhes explicados os motivos e fornecida dieta adequada para que as possam dispensar.

5.º — Dada a posição favorável da ilha da Trindade e do arquipélago Martim Vaz para estudos meteorológicos e climáticos sôbre uma zona do Atlântico Sul relativamente mal conhecida, ficarão êsses estudos sob a orientação do Ministério da Marinha e dos especialistas que ela convidar como colaboradores.

6.º — Considerando o grande interêsse de manter sob observação biológica as espécies animais e vegetais protegidas, que encontrarão asilo no "Refúgio", o Ministério da Marinha entrará em acôrdo com instituições científicas especializadas, como sejam o Museu Nacional, o Jardim Botânico, o Instituto Osvaldo Cruz e o Instituto Oceanográfico de São Paulo, para o envio de especialistas à ilha da Trindade e, caso possível, ao arquipélago Martim Vaz.

7.º — Enquanto não estiver restaurado o *statu quo* primitivo, não serão encorajadas visitas de leigos ao Parque Refúgio, destinado principalmente a servir de santuário à fauna e flora insular e oceânica.